



Entrevista

Com Prof. Dr. Eduardo Mourão Vasconcelos¹

SS&S – Prof. Dr. Eduardo Mourão Vasconcelos, o senhor poderia nos contar como foi seu encontro com o Serviço Social? Como e a partir de quando ingressou para lecionar no Curso e como avalia a experiência?

[...] Na ESS-UFRJ assumi disciplinas e montei um projeto integrado de pesquisa na área de abordagens psicossociais e saúde mental, que foi chamado de Projeto Transversões, que agrega inúmeros pesquisadores do campo, do Rio de Janeiro e de vários outros locais do país.

PROF. EDUARDO – Tomei contato com a profissão e com a formação do Serviço Social em 1981, quando me tornei professor do curso de graduação em Serviço Social da PUC-MG, lecionando disciplinas de política social. Esta atividade durou até 1987, quando fui realizar meu doutoramento na Inglaterra. De volta ao Brasil em 1992, voltei ao curso de Serviço Social por 6 meses, e depois vim para o Rio, com uma bolsa de pós-doutoramento da CAPES. Dois anos depois, em 1994, fiz concurso para professor da Escola de Serviço Social da UFRJ (ESS-UFRJ). Creio que ajudaram nesta entrada dois artigos que publiquei na revista *Serviço Social & Sociedade* em 1989, sobre uma proposta de visão marxista das políticas sociais, que tiveram um bom impacto dentro do debate sobre o campo na profissão. Estes dois artigos foram fruto de minha dissertação de mestrado em Ciência Política na UFMG, defendida em 1985. Na ESS-UFRJ assumi disciplinas e montei um projeto integrado de pesquisa na área de abordagens psicossociais e saúde mental, que foi chamado de Projeto Transversões, que agrega inúmeros pesquisadores do

¹ Psicólogo e cientista político, fez seu doutoramento na *London School of Economics* (1992) e pós-doutoramento na Anglia Ruskin University (2001), Cambridge, ambas na Inglaterra. É professor associado III, na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1994, tendo se aposentado em março de 2015. Atualmente é professor voluntário desta Universidade. Coordena o **Projeto Transversões**, na Escola de Serviço Social, um projeto integrado de pesquisa e extensão voltada para a saúde mental, reforma psiquiátrica e abordagens psicossociais formado em 1996, contando com reconhecimento e apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia e do Ministério da Saúde e da FAPERJ. É autor e/ou organizador de inúmeros trabalhos, livros e publicações, entre os quais se destacam as coletâneas mais recentes “Abordagens Psicossociais”, em 3 volumes (2008-9), e “Karl Marx e a subjetividade humana” (2010), também em 3 volumes, ambas publicadas pela Editora Hucitec.

campo, do Rio de Janeiro e de vários outros locais do país.

Sempre gostei de lecionar no Serviço Social. Além de cientista político, sou psicólogo, mas daqueles que são eternos críticos da formação hegemônica em Psicologia no Brasil, mais voltada para a clínica particular, e muito marcada pelo psicologismo. No Serviço Social, com seu projeto ético político, encontro uma perspectiva mais coerente com meus valores éticos e políticos, forjados na militância social e de esquerda desde o início da década de 1970. Além disso, gosto também do público mobilizado pelos cursos de Serviço Social, das classes médias baixas e de trabalhadores, que já entram nos cursos com uma perspectiva intuitiva e potencialmente mais crítica, pela origem de classe, muito mais do que na Psicologia.

Sempre gostei de lecionar no Serviço Social. [...] com seu projeto ético político, encontro uma perspectiva mais coerente com meus valores éticos e políticos, forjados na militância social e de esquerda desde o início da década de 1970.

SS&S – O senhor teve um papel fundamental na inserção da discussão/debates do Serviço Social na Saúde Mental a partir do processo reformista brasileiro. Como o senhor avalia o Serviço Social na produção acadêmica do processo reformista brasileiro? Como avalia a Saúde Mental no interior do Projeto Ético Político do Serviço Social?

PROF. EDUARDO – Pesquisei e escrevi muito sobre este tema durante a década de 1990, culminando com a publicação do livro "Saúde mental e Serviço Social" pela Editora Cortez no ano de 2000, que, surpreendentemente, tem tido sucessivas edições e mantém uma venda significativa até hoje, 15 anos depois, como uma obra de referência no tema. Neste livro, fiz algumas constatações importantes. Uma delas é de que o campo da Saúde Mental é importante na história do Serviço Social norte-americano, europeu, brasileiro e latino-americano, particularmente pela forte influência do movimento higienista na formação das escolas, nas práticas profissionais e na direção política que a assistência teve, no caso brasileiro, até a década de 1960. Outra constatação

[...] Assim, a produção de pesquisas e publicações nestas temáticas tem sido muito escassa dentro da profissão a partir de então, tendo inúmeros efeitos problemáticos na formação e na prática profissional em vários campos de atuação do Serviço Social, mas se refletindo mais enfaticamente nas dificuldades que os assistentes sociais encontram no campo da Saúde Mental.

importante, e também paradoxal, é de que a nova direção tomada pelo processo de reconceituação e de intenção de ruptura, fundamental para o novo projeto ético e político da profissão no Brasil, que tem méritos indiscutíveis e incontornáveis, acabaram por realizar também um processo de recalque na profissão dos temas relacionados à subjetividade e aos processos psicossociais, como se estes fossem, inexoravelmente, um retorno ao passado conservador das abordagens psicossociais anteriores e do psicologismo, ignorando as novas formulações no campo psicossocial e da psicologia social institucional e grupal, na esfera internacional e brasileira. Assim, a produção de pesquisas e publicações nestas temáticas tem sido muito escassa dentro da profissão a partir de então, tendo inúmeros efeitos problemáticos na formação e na prática profissional em vários campos de atuação do Serviço Social, mas se refletindo mais enfaticamente nas dificuldades que os assistentes sociais encontram no campo da Saúde Mental. Uma das facetas deste recalque diz respeito às dificuldades para uma formação pluralista e interdisciplinar na profissão (valores presentes no atual Código de Ética da profissão!), que respeitem as particularidades dos fenômenos e de cada área de conhecimento que atravessam o seu campo de estudo e atuação, sem necessariamente cair no ecletismo ou no relativismo ético e político. Nesta direção, procurei contribuir com este debate, com a publicação em 2002 do livro "Complexidade e pesquisa interdisciplinar" pela Editora Vozes, que também vem sendo objeto de várias edições sucessivas até hoje. Publiquei também a coletânea de 3 livros intitulada "Abordagens psicossociais", lançada em 2008-9 pela Editora Hucitec, que acredito ser relevante para todos os que atuam no campo, além de que o último volume é dedicado inteiramente ao Serviço Social. Na direção inversa, um bom

[...] Nesta coletânea, podemos constatar, por um lado, que há inúmeras contribuições das várias vertentes do marxismo para o estudo da subjetividade e da saúde mental, mas estas contribuições não estão todas elas presentes no Serviço Social brasileiro.

exemplo deste fechamento ao debate interteórico é a forma como a profissão no Brasil tem se apropriado da tradição marxista sobre a subjetividade, desprezando muitas contribuições importantes, como a do freudo-marxismo e dos vários e diferentes autores da Escola de Frankfurt, que incursionaram pelas fertilizações mútuas entre o marxismo e a psicanálise. Essa linha de investigação e debate me levou também a realizar uma longa pesquisa mais teórica e histórica, desde 2000, e ainda inacabada, sobre a temática do marxismo e da subjetividade, e que resultou até agora na coletânea "Karl Marx e a subjetividade humana", publicada em 2010 pela Editora Hucitec, em 3 volumes. Nesta coletânea, pudemos constatar, por um lado, que há inúmeras contribuições das várias vertentes do marxismo para o estudo da subjetividade e da saúde mental, mas estas contribuições não estão todas elas presentes no Serviço Social brasileiro. Além disso, elas não esgotam a diversidade dos temas no campo e há problemas estruturais na obra de Marx na abordagem da subjetividade e saúde mental, que requerem abertura de espaço para estudos interteóricos e pluralistas, mas sempre orientados ética e politicamente para os interesses históricos dos trabalhadores.

SS&S – Na sua opinião, quais tem sido as principais contribuições do Serviço Social na atualidade para a saúde mental/reforma psiquiátrica e desta para o Projeto Ético Político do Serviço Social?

PROF. EDUARDO – Sem dúvida alguma, no Brasil, o Serviço Social é a profissão que mais avançou em um posicionamento ético e político voltado para os interesses históricos das classes trabalhadoras. Além disso, tem construído um pensamento crítico sistemático sobre a dinâmica societária e as políticas sociais no país, no qual os campos da Saúde como um todo e da Saúde Mental estão inseridos. Assim, as(os) assistentes

[...] Por outro lado, os avanços atuais do campo da reforma psiquiátrica e do movimento antimanicomial, que têm muitos valores éticos e políticos em comum, têm muito a fertilizar o Serviço Social brasileiro, particularmente na abordagem crítica dos fenômenos da subjetividade e dos processos psicossociais, grupais e institucionais, bem como no exercício concreto da interdisciplinaridade e do trabalho interprofissional mais horizontalizado nas suas equipes no cotidiano.

sociais têm um papel fundamental no planejamento de programas e no trabalho direto nas equipes de saúde mental, dada a sua competência para lidar com os desafios sociais e políticos mais gerais da sociedade brasileira, bem como com os dilemas sociais concretos da conquista de melhor qualidade de vida e nas estratégias de trabalho e renda, moradia, lutas por direitos, seguridade social, acesso à Justiça, educação, etc, para as pessoas acometidas de transtorno mental e seus familiares. Além disso, podem colaborar muito no debate acerca de um certo voluntarismo político muito presente no movimento brasileiro de reforma psiquiátrica. Por outro lado, os avanços atuais do campo da reforma psiquiátrica e do movimento antimanicomial, que têm muitos valores éticos e políticos em comum, têm muito a fertilizar o Serviço Social brasileiro, particularmente na abordagem pluralista e crítica dos fenômenos da subjetividade e dos processos psicossociais, grupais e institucionais, bem como no exercício concreto da interdisciplinaridade e do trabalho interprofissional mais horizontalizado nas suas equipes no cotidiano.

SS&S – Quais são os principais desafios postos à profissão no cerne do processo de reforma psiquiátrica em curso no País?

PROF. EDUARDO – Na resposta às perguntas acima, já falamos das lacunas teóricas e históricas mais gerais que os assistentes sociais encontram na sua formação para lidar com os desafios da atuação concreta no campo da reforma psiquiátrica. Entretanto, há inúmeros desafios mais específicos que precisamos também indicar. A questão da instrumentalidade, ou seja, as dificuldades na formação profissional no tratamento dos dispositivos operativos práticos, atingem todos os campos de atuação, mas também o campo da Saúde Mental. Os processos subjetivos da relação direta entre os profissionais e os usuários, como as estratégias de

[...] Estes temas e suas implicações estão presentes o tempo todo nas práticas [...], e os assistentes sociais, ao atuarem sobre tais temas, não têm outra alternativa a não ser mobilizar o repertório pessoal e cultural espontâneo, sem a devida qualificação profissional, ou de forma defensiva, burocrática e impessoal, para evitar o contato, as ambiguidades e o sofrimento associado a tais processos.

envolvimento/distanciamento, os processos de transferência e contratransferência, o estresse diário de lidar com a pobreza, a miséria, sofrimento humano e morte, não discutidas na formação, geram dificuldades substanciais na prática profissional no dia a dia. Além disso, também impactam de forma substantiva na saúde mental no trabalho dos assistentes sociais, e na medida em que a formação profissional tende a negligenciar estes temas, acaba também contribuindo para a deterioração de sua saúde mental e para aumentar a exploração qualitativa do trabalho humano, na medida em que não fornece instrumentos teóricos e conceituais para ajudar a identificar tais processos por parte de cada profissional ou pelos coletivos de trabalho, que então continuam a trabalhar ignorando as diversas formas de estresse e esgotamento. Há outros temas fundamentais do processo humano e social recalcados e ignorados na atual formação dos assistentes sociais, muitas vezes como verdadeiros tabus: o tema da morte e da finitude; os fenômenos religiosos e espirituais; o trabalho de cuidado e o acolhimento de pessoas no âmbito familiar e de serviços públicos, e os processos subjetivos, demográficos e de gênero associados a eles; aparelho psíquico, processos inconscientes, emoções, sexualidade e identidades sexuais; a subjetividade dos processos heróicos no trabalho profissional e na militância social; saúde mental do trabalho; os processos grupais e institucionais, etc. Estes temas e suas implicações estão presentes o tempo todo nas práticas em vários campos de atuação do Serviço Social, mas nos serviços de saúde mental eles têm um impacto maior. Nos cursos de graduação e pós-graduação, na medida em que estes temas não são discutidos, as vivências, ideologias e estruturas psíquicas a eles relacionadas, introjetadas pelos estudantes durante suas vidas até então, permanecem intactas e dissociadas da formação crítica promovida pelo projeto ético político do Serviço Social.

Assim, quando chegam à vida profissional, os assistentes sociais, ao atuarem sobre tais temas, não têm outra alternativa a não ser mobilizar o repertório pessoal e cultural espontâneo, sem a devida qualificação profissional, ou de forma defensiva, burocrática e impessoal, para evitar o contato, as ambiguidades e o sofrimento associado a tais processos. Assim, o Serviço Social reduz sua competência profissional e há perdas significativas na qualidade de seu trabalho junto aos usuários e instituições das políticas sociais.

[...] o enorme orgulho e respeito que tenho pelo Serviço Social brasileiro e por seu projeto ético e político. A tradição dialética nos ensina que "tudo que é sólido se transforma no ar", está atravessado pelas contradições, pela marcha inexorável de negação, conservação e novas sínteses, nos fluxos da história. Todo projeto ético-político só se sustenta se é capaz de renovar-se e de captar o fluir dos sinais dos tempos. É exatamente por que amamos e queremos levar por muito tempo essas bandeiras, é que precisamos renová-las.

SS&S – Finalizando a entrevista, agradecemos sua disponibilidade e convidamos o professor a deixar uma mensagem aos leitores da Revista Serviço Social e Saúde?

PROF. EDUARDO – Gostaria de agradecer a oportunidade de ser convidado e participar destas entrevistas, bem como de parabenizar aqueles que tomaram a iniciativa de realizá-las. Estou consciente de que toquei aqui em temas muitas vezes considerados tabus e bastante polêmicos no debate profissional, mas tudo do que foi dito aqui já está disponível em minhas publicações, algumas delas indicadas nesta entrevista. Gostaria de reiterar que o esforço deste longo trabalho de pesquisa e debate junto à profissão, bem como de buscar com cuidado e serenidade assinalar algumas das lacunas na formação profissional (com todos os seus riscos que isso implica), tem como principal motivador o enorme orgulho e respeito que tenho pelo Serviço Social brasileiro e por seu projeto ético e político. A tradição dialética nos ensina que "tudo que é sólido se desmancha no ar", está atravessado pelas contradições, pela marcha inexorável de negação, conservação e novas sínteses, nos fluxos da história. Todo projeto ético-político só se sustenta se é capaz de renovar-se e de captar o fluir dos sinais dos tempos. É exatamente por que

amamos e queremos levar por muito tempo essas bandeiras, é que precisamos renová-las.

Rio de Janeiro, junho de 2015.

Eduardo Mourão Vasconcelos

Recebido em 16.06.2015 – Aprovado em 23.06.2015